

ANÁLISE DO PERFIL DA GESTÃO DOS CLUBES DE FUTEBOL BRASILEIROS ATRAVÉS DA TEORIA DAS ELITES

Alexsandro Junior Machado

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Brasil

alemarx18@gmail.com

Miguel Archanjo de Freitas Júnior

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Brasil

mfreitasjr@uepg.br

Bruno Pedroso

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Brasil

prof.brunopedroso@gmail.com

André Mendes Capraro

Universidade Federal do Paraná

andrecapraro@onda.com.br

Envio original: 03-09-2020. Revisões requeridas: 13-10-2020. Aceitar: 23-11-2020.
Publicado: 27-11-2020.

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi avaliar a gestão do futebol a partir de uma teoria da ciência humana, conhecida como Teoria das Elites. Para tanto, foram utilizados conceitos básicos estabelecidos pelos precursores dessa teoria, os sociólogos italianos Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto; posteriormente, foram utilizados os pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu, devido aos conceitos mais elaborados e contemporâneos. Embora a Teoria da Elite geralmente não analise a gestão do futebol, os conceitos de campo, capital e *habitus* de Bourdieu têm reflexões significativas para entender as manifestações existentes em minorias políticas ativas no futebol. Mostrou-se que o sistema que administrava o futebol desde o início traçou uma história hegemônica que permaneceu no poder, mesmo com as transformações que ocorreram nesse esporte ao longo do tempo. A principal contribuição deste trabalho, além da teoria útil sobre esse tema, é demonstrar que, para melhorar a gestão do futebol, é necessário mais do que criticar o perfil dos dirigentes - ou propor pessoas técnicas, mas que não entendem de política -, estudando maneiras de qualificar tecnicamente os gerentes. Dessa forma, as instituições esportivas poderiam oferecer preparação técnica aos profissionais que já ocupam o cargo por meio de reuniões e formações.

Palavras-chave: Teoria das Elites; Capital Político; Gestão; Futebol; Poder.

Análisis del perfil de gestión de clubes de fútbol brasileños a través de la teoría de las élites

Resumen

El objetivo de esta investigación fue evaluar la gestión del fútbol desde una teoría de las ciencias humanas, conocida como Teoría de la Élite. Para ello utilizamos conceptos básicos establecidos por los precursores de esta teoría, los sociólogos italianos Gaetano Mosca y Vilfredo Pareto, posteriormente, utilizamos los supuestos teóricos de Pierre Bourdieu,

debido a los conceptos más elaborados y contemporáneos. Aunque Elite Theory no suele analizar la gestión del fútbol, los conceptos de campo, capital y *habitus* de Bourdieu tienen reflejos significativos para comprender las manifestaciones existentes en las minorías políticas activas en el fútbol. Mostramos que el sistema que manejó el fútbol desde sus inicios trazó una historia hegemónica que se mantuvo en el poder, aun con las transformaciones que se produjeron en este deporte a lo largo del tiempo. El principal aporte de este trabajo, además de la útil teoría en esta temática, es demostrar que para mejorar la gestión del fútbol es necesario más que criticar el perfil de los entrenadores -o proponer personas técnicas, pero que no entienden de política-, más bien estudiar Formas de calificar técnicamente a los gerentes. De esta forma, las instituciones deportivas podrían ofrecer una preparación técnica a los profesionales que ya ocupan el cargo a través de reuniones y formaciones.

Palabras clave: Teoría de las Élites; Capital Política; Administración; Fútbol; Poder.

Analysis of the management profile of brazilian football clubs through the theory of elites

Abstract

The aim of this research was to evaluate the soccer management from a theory of human science, known as Elite Theory. For this purpose, we used basic concepts established by the precursors of this theory, the Italian sociologists Gaetano Mosca and Vilfredo Pareto, afterward, we used the theoretical assumptions of Pierre Bourdieu, due to the more elaborated and contemporary concepts. Although Elite Theory does not usually analyze soccer management, Bourdieu's concepts of field, capital and *habitus* have significant reflections to understand the existent manifestations in active political minorities in soccer. We show that the system that managed soccer since the beginning traced a hegemonic history that remained in power, even with the transformations that occurred in this sport over time. The main contribution of this work, besides the useful theory in this theme, is to demonstrate that to improve the soccer management, it is necessary more than criticize managers profile – or to propose technical people, but who do not understand politics -, rather studying ways to qualify managers technically. In this way, sports institutions could offer technical preparation to professionals who already hold the position through meetings and formations.

Keywords: Elite Theory; Political Capital; Management; Soccer; Power.

Introdução

O futebol é o esporte mais praticado no mundo e um dos mais valorizado socialmente, visto que ele transcende a esfera esportiva, interferindo na vida econômica e política, mesmo daqueles que não estejam diretamente ligados a ele (Marques; Costa, 2016).

Embora o Brasil não possua o campeonato mais visado no mundo, nem o mais rentável, como alguns da Europa, por exemplo (Santos; Dani; Hein, 2016), têm uma história relevante no futebol mundial. Relevância que não se limita apenas ao caráter

financeiro, o fenômeno do futebol pode ser avaliado através de diversas perspectivas, por exemplo, como a social, a cultural, entre outras. No campo das Ciências Humanas e Sociais esse tema cresceu, principalmente a partir da década de 1980, após ser objeto de críticas e desprezo por parte da academia, devido a ideia de que o futebol poderia ser uma forma de aparato ideológico do Estado de governos autoritários (Santos; Santos, 2016), mas estudos de caráter antropológico e sociológico que abordaram discussões sobre a identidade, como de DaMatta (1982) elevaram o futebol, a um novo patamar acadêmico.

Neste estudo encaminhou-se o foco à classe política dominante, responsável pela administração dos clubes. Pois de acordo Reis et al. (2013), desde a criação das equipes tradicionais no Brasil, o posto de dirigente, conhecido popularmente por “cartolas”, ocupou a frente da gestão; movidos pela paixão de torcedor, arraigados de capital econômico, investiram nas equipes e tornaram-se dominantes (Reis et al, 2013), porém o que percebe-se é que, por vezes, são confrontados quanto a sua capacidade de gestão (Proni, 1998; Mattar, 2014).

Na literatura sobre a temática, Oliveira *et al.* (2018) auxiliam a estabelecer um parâmetro geral da composição da gestão dos clubes no Brasil. Através da leitura e interpretação dos estatutos de 17 clubes da série A do Campeonato Brasileiro. Eles identificaram que a governança é composta por seis conselhos¹, sendo o Conselho Deliberativo o principal órgão, com o poder de deliberação e tomada de decisões. Fazem parte deste setor o cargo de presidente e vice-presidente dos clubes que, consequentemente, é um órgão com alto apego político.

Com base nisso é que se estabelece a necessidade de compreender a natureza de uma elite política, neste caso a do futebol, pois independentemente do período histórico, não há uma modificação drástica, o que há é a busca pela manutenção constante do poder gerando uma hegemonia frente ao posto (Burham *et al.*, 2008). Ou seja, a raiz do processo de dominação permanece. Dessa forma, compreender o perfil e as formas de dominação dentro do campo da gestão, proporciona interpretar mais de um século de ocupação deste posto, que por vezes, foi e é objeto de críticas frente a ocupação do principal cargo de gestão do futebol no Brasil, consequentemente responsáveis, muitas vezes, pelos problemas de gestão inerentes.

¹ Conselhos que compõem a gestão dos clubes de futebol brasileiro: Assembleia Geral, Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal, Diretoria, Conselho Administrativo e o Conselho Consultivo.

Desta forma, a partir do contexto supracitado, tem-se a seguinte questão norteadora: Quais características são predominantes no perfil dos dirigentes dos clubes de futebol da série A?

Por conseguinte, objetiva-se no presente artigo analisar o campo da gestão, com ênfase nos presidentes dos clubes de futebol, no intento de identificar as características que os levam e os mantém no exercício deste posto, buscando estabelecer relações com outras posições dominantes em outros setores da sociedade.

Para alcançar o objetivo proposto para o presente artigo, recorreu-se a uma perspectiva que ganhou relevância dentro da ciência política e social, denominada de Teoria das Elites, que busca interpretar e explicar uma minoria politicamente ativa. Esta linha de estudo se estabeleceu como umas maiores áreas de pesquisa do século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos e na Europa. Não obstante, a vasta área de pesquisas, no Brasil seu movimento não foi tão expressivo e, quando houve um declínio global, o impacto foi ainda maior (Burham *et al.*, 2008).

Apesar do baixo impacto desta linha de estudos no Brasil e principalmente dentro do futebol, torna-se um recurso adequado partindo do ponto de vista que o campo do futebol não é um setor isolado e com particularidades exclusivas, pois quando fala-se em “elite”, deve-se compreender que existem diferentes espaços e agentes, que também possuem diferentes tipos de poderes, ou seja, o que se tem são diversos grupos compostos por “agentes sociais que ocupam posições dominantes em uma ou mais esferas do mundo social, como as elites políticas, jurídicas, religiosas, econômicas, culturais, burocráticas” (Seidl, 2013: 183) e, através desta perspectiva que estruturou-se o presente trabalho.

A teoria

O estudo das elites ganhou grande relevância ao longo do século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, onde a compreensão de como se forma e se estabelece as minorias dominantes (Burham *et al.*, 2008). Essa vertente teórica passou a ganhar corpo teórico e metodológico a partir de três autores fundamentais, os sociólogos italianos Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto, e um pouco depois com Robert Michels (Grynszpan; Grill, 2011; Seidl, 2013).

O primeiro trabalhava com a ideia de minoria que compõem a classe política, com alta capacidade de organização e reconhecimento social, proporcionado pelo acúmulo

material, intelectual, moral e até mesmo a aparência física, que ao chegarem no poder buscam sua manutenção e a garantia de sucessão através de seus descendentes. Já Pareto, acreditava em uma desigualdade natural entre os homens, sendo que aqueles que chegam à elite política, possuem um dom ou qualidade que os levam àquela posição, ou seja, são mercedores (Alves, 2013; Higley, 2010). Para o alemão Michels dentro de qualquer organização democrática haverá a dominação por uma elite, ou oligarquia, como tratava este conceito. Nesta incumbência estruturou sua teoria denominada de lei de ferro, é uma constante, onde não importa o contexto histórico, sempre haverá uma dominação por parte de uma minoria que exerce o poder sobre a maioria submetida a essas ordens (Grynszpan; Grill, 2011; Miguel, 2014).

Na área da sociologia e da ciência política a Teoria das Elites, ganhou um largo espaço a partir da década de 1970, principalmente em países europeus como França e Inglaterra, por exemplo. Um teórico considerado importante na continuação no estudo das elites nesta época, foi o sociólogo francês Pierre Bourdieu, ele estabeleceu e acrescentou novos tensionamentos em pesquisas relacionadas ao campo do poder (Seidl, 2013).

Bourdieu trás em seus estudos a existência de diferentes capitais que se apresentam como recursos de legitimação do poder em diferentes espaços sociais. Neste caso, não existe apenas uma classe política ou dirigente dominante, mas sim uma relação de forças com diferentes agentes e tipos poderes que são suficientes para conservar ou transformar a relação de forças dentro de um campo (Caminha, 2017).

Esta abordagem através de Bourdieu proporciona a expansão das discussões dentro do estudo das elites, não reduzindo as lógicas do poder à uma classe ou algumas características. Através desta perspectiva podemos discutir o campo da gestão do futebol de forma específica e relacional a outros setores sociais, pois está claro a partir desta abordagem, que havendo uma relativa autonomia existente dentro dos diferentes campos, existe uma estrutura semelhante entre eles, mas com suas particularidades, das quais buscar-se-á discutir ao longo deste trabalho.

O estudo das elites na gestão do futebol

Dentro das manifestações que compõem a construção de atributos que elevam e legitimam a atuação de um grupo dirigente, destacam-se o capital escolar, a especialização profissional, acúmulo de capital financeiro, experiências no exterior, a representatividade

familiar e os laços matrimoniais entre família com elevado reconhecimento social (Seidl, 2013). Segundo o autor, além destes recursos mais tradicionais, existem outras formas de alavancar o status social de determinados agentes; ele destacou que até a gestão acumulada em clubes esportivos ou recreativos é uma forma de enriquecer esse status.

Deve-se deixar claro que a partir desta colocação não se busca forçar uma relação direta entre a ocupação de cargos da gestão do futebol como forma de reconhecimento social ou poder. Mas se existe esta associação, mesmo que em menor grau, não poderíamos nos isentar nestes casos.

Para facilitar esta associação recorreu-se a alguns estudos como o de Reis *et al.* (2013) que apresentaram uma reconstrução histórica da gestão do futebol brasileiro e demonstraram que desde a profissionalização desse esporte nas primeiras décadas do século XX, criou-se um perfil hegemônico frente a gestão, com tendências de conservadorismo do sistema. Para esta indagação, utilizou como vertente teórica de análise, a teoria dos Campos de Pierre Bourdieu (1983).

Já Marques; Gutierrez; Almeida (2013) analisaram o perfil de alguns presidentes de clubes estaduais e da série A e B do Campeonato Brasileiro. O estudo não declarou a intenção de relacionar à Teoria das Elites, entretanto também utilizaram como referencial teórico e metodológico de análise, Pierre Bourdieu. Seus resultados demonstraram que, no posto de presidente, existe um *habitus* predominante, principalmente em clubes sociais, modelo jurídico mais adotado por clubes brasileiros.

Skille (2014) abordou a relação de gênero dentro da gestão do futebol feminino na Noruega, apresentando o domínio dos homens nos postos da gestão, desde a atuação técnica até nos cargos administrativos. A partir de pressupostos weberianos e de Bourdieu, demonstrou que a explicação para o predomínio masculino é histórica e não depende da personalidade ou formação acadêmica, o que existe é uma doxa, ou seja, uma naturalização da atuação masculina à frente dos cargos de gestão.

Em adendo, mesmo que não tenham abordado o mesmo viés dos estudos já citados, nem as mesmas vertentes teóricas, vale apresentar os trabalhos de Mósca, Silva e Bastos (2010) que atribuiu a Teoria Institucional² ao campo da gestão do futebol, abordando em seu estudo, gestores de instituições como a CBF, Federações estaduais e alguns clubes de futebol, demonstrando algumas manobras políticas e a busca de benefícios individuais dos

² A Teoria Institucional foi dominante na ciência política europeia no século XIX e início do século XX. Após passar por modificações em sua ênfase de análise, reduziu a importância aos atores e passou a considerar e dar ênfase à estrutura quanto formador das práticas sociais (Carvalho; Vieira; Goulart, 2005).

agentes investigados. Já o trabalho de Kelly (2008), discutiu sobre o perfil dos técnicos de alguns clubes de futebol da Grã-Bretanha e Irlanda, aplicando a teoria de Max Weber sobre autoridade e dominação aos investigados. Ambas pesquisas focaram em agentes específicos no campo futebolístico e utilizaram teorias que auxiliassem a discutir mais profundamente a atuação política destes.

Mesmo que a vertente do estudo das Elites não tenha se apresentado de forma explícita dentro das pesquisas da gestão esportiva, foi notório o uso de Bourdieu. Este teórico passou a ser comum para explicar o esporte nas questões sociais e culturais. Segundo Kitchin; Howe (2013), esta vertente passou a ser comum no Brasil, porém sua notoriedade não se expandiu tanto para responder indagações a respeito da gestão esportiva, já que possui um volume baixo de recursos teóricos aplicados a esse campo.

Parece que devido às possibilidades de estabelecer uma abordagem relacional entre os pressupostos teóricos de Bourdieu às pesquisas dos agentes que compõem a gestão de clubes de futebol, tornou-se útil e pertinente a discussão desta linha de pesquisa à luz do referido teórico apresentado, ação que foi feita no capítulo a seguir,

Pressupostos teóricos de Bourdieu aplicado aos dirigentes do futebol brasileiro

A partir dos pressupostos teóricos apresentados, acredita-se que o uso de alguns conceitos teóricos de Pierre Bourdieu como Campo, Capital e *Habitus* podem ser fundamentais para esmiuçar as relações de poder existentes e a legitimação de alguns aspectos de dominância na gestão do futebol, por fim explicar algumas lógicas do campo administrativo deste esporte.

Ao optar por estruturar um tópico específico de Bourdieu como base teórica desta pesquisa, propõe-se acrescentar análises mais aprofundadas no contexto da gestão do futebol e aumentar a aplicabilidade de seus conceitos e teorias dentro desta linha de pesquisa, através de exemplos práticos aplicados ao campo, já que sua teoria possui ainda pouca expressividade na área da gestão esportiva, como apresentado por (Kitchin; Howe, 2013).

Para situar o futebol como estrutura a ser estudada, apresenta-se a primeiro conceito utilizado neste estudo, o de Campo. Para o autor, o campo é um espaço social onde os agentes, ali inseridos, possuem um capital (poder). Onde há Leis variantes, qual distinguem o futebol das demais estruturas sociais. Mas também Leis Invariantes, ou seja,

independente se tratamos, do gerenciamento do futebol, política ou religião, sempre haverá algumas características em comum, mesmo que estas estejam menos evidentes ou limitadas àqueles que fazem parte dele.

Analisando o futebol como um campo, deve-se compreendê-lo como um espaço composto por posições distintas dentro dele, que embora haja uma influência de seus ocupantes, pode ser analisado independentemente deles (Bourdieu, 1983).

Souza, Almeida; Marchi Jr (2014) apresentaram a possibilidade de o futebol ser tratado como um subcampo do campo esportivo, tendo o esporte como um fenômeno principal. Entretanto, os autores salientam que devido a notoriedade do futebol em relação a outros esportes, não deve ser encarado como um subcampo, pois o futebol pode ser visto “como um campo relativamente autônomo com relação ao espaço social estruturado em torno dos esportes” (Souza; Almeida; Marchi Jr. 2014: 225) . Essa afirmação feita pelos autores encontra-se fundamentada no posicionamento de Bourdieu (2004) sobre a construção de uma sociologia do esporte, onde para se analisar uma modalidade esportiva deve-se conhecer a posição que ela ocupa no espaço dos esportes e a relação com o espaço social que se manifesta nele.

Seguindo a ideia dos autores supracitados, neste estudo, trabalhamos com a ideia de gerenciamento como um subcampo do futebol. Em complemento, Bourdieu (1983: 89) salienta que para o funcionamento dos campos, é preciso que “haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas etc.”. Isso significa que em todos os campos existe um jogo de poder, o qual tenciona situações de disputa entre os agentes.

Mattar (2014) relata uma das formas deste jogo, um exemplo dado pelo autor é a disputa política pela tomada do poder nas eleições dos clubes. Segundo o autor:

Basta ler qualquer jornal ou site de notícias para encontrarmos matérias sobre constante disputa política dos clubes. Em época de eleição a coisa ferve [...] forma-se todo um cenário nocivo ao ambiente do clube, em que diversas partes passam a se digladiar destrutivamente (Mattar, 2014: 27).

Apesar dessa relação e disputa de poder ser apresentada por Mattar (2014) como uma coisa negativa dentro da gestão do futebol, Bourdieu não se expõe através de crítica, pois está buscando traduzir as relações dentro da sociedade. Neste sentido, a disputa é descrita

como se fosse um jogo, onde indivíduos reconhecem o objetivo pelo qual estão lutando; o jogo acontece porque eles reconhecem aquela disputa como legítima e que vale a pena jogar.

Bourdieu (1983; 2011) salienta que a ação de um agente dentro de um campo, seja ele qual for, não é desinteressada; ninguém faz ou entra num “jogo”, sem um certo interesse. Essa relação de interesse não significa que todo indivíduo é consciente de seu ato no sistema de disputa, nem que toda ação possui interesse de recompensa monetária ou um prêmio, até mesmo porque devido a classificação jurídica dos clubes brasileiros, na maioria clubes sociais, ou seja, sem fins lucrativos, proíbe a remuneração da maioria dos cargos gestores (Oliveira *et al.*, 2018).

O que existe muitas vezes é uma gama de recompensas simbólicas e capitais que podem ser buscados consciente ou inconscientemente. Isso depende da posição e perspectiva que o indivíduo tem do campo, principalmente se ele “nasceu” incluído nele, desta forma fica mais fácil reconhecer o objeto de disputa, devido suas experiências adquiridas ao longo sua vida.

Bourdieu (2007b) trabalha com a questão de gosto, passando pelas artes, costumes, dentre outros. Neste caso o autor apresenta o futebol como um esporte de preferência de operários, mesmo sabendo que sua origem foi dominada pela elite, quando o futebol se tornou global, o gosto por esta modalidade passou para a cultura de massa. Com isso, o gerenciamento deste fenômeno tornou-se uma forma de distinção. Ao ocupar postos de dirigentes, foi possível estabelecer uma reinterpretação arraigada de verbalização e teorização, onde através de um discurso de domínio coletivo, elevou os valores sociais deste subcampo.

Incrementa-se à análise de Bourdieu, que investir e dominar esta prática, a partir dos clubes, proporciona um sentimento de domínio de um mecanismo de produção cultural valorizado socialmente, que eleva seus capitais simbólicos e, consequentemente, a manutenção do poder.

Além da questão de distinção social, Mattar (2014) em seu livro sobre a gestão do futebol profissional brasileiro, apresenta alguns motivos pelos quais um indivíduo se torna dirigente de um clube, o acesso irrestrito aos jogos, viagens, contato direto com os jogadores, possibilidade de estabelecer uma rede de relações com áreas afins, até mesmo eleger-se para cargos públicos, tornou o futebol um campo arraigado de interesses (Mattar, 2014).

Sobre relação estabelecido entre futebol e política, parece que houve uma transferência de capital político entre campos diferentes. Marques, Gutierrez e Almeida (2013) demonstram que existe a transferência deste capital entre esporte e poder público, porém, segundo os autores, isso ocorre principalmente em clubes e cidades do interior. Em contrapartida uma matéria da Folha de São Paulo publicada em 06 de agosto de 1998, apresentou indicações da transferência política em alguns dirigentes de grandes clubes do futebol brasileiro, relatando o caráter clubístico por trás das campanhas, os quais apostavam em torcedores de seus clubes para se elegerem no poder público.

Mais recentemente temos como exemplo André Sanchez (Corinthians), Eurico Miranda (Vasco), Antônio Góis (Ceará), José Perella (Cruzeiro), Juvenal Juvêncio (São Paulo), Daniel Nepomuceno (Atlético-MG), como agentes que ocuparam cargos de presidentes de clubes e passaram a atuar em cargos públicos.

Tais características remetem a outro conceito teórico de Bourdieu, o de Capital. Ampliando a visão marxista, a qual tem como mecanismo divisor de águas o acúmulo de bens e riquezas econômicas, Bourdieu estabelece capital para além do caráter econômico; ele não excluiu, mas relativizou-os, para ele essa divisão não existe, são “soluções teóricas falsas” (Bourdieu, 2011: 49).

“A posição de um indivíduo não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa (superior, média ou inferior) numa da estrutura e num dado momento” (Bourdieu, 1989: 07). Ou seja, o capital é todo recurso de poder que se exerce perante a sociedade é uma forma de diferenciação social. De posse de diferentes tipos de capital o indivíduo poderá ter destaque e ascensão, e isso depende diretamente do volume e tipo de capital adquirido. O capital, ou capitais, representa a hierarquia de valores de interesses em campo. (Bourdieu, 1989)

Para o sociólogo existem quatro (iv) tipos de capitais predominantes, o (i) Capital Econômico, (ii) Cultural, (iii) Social e o (iv) Simbólico; cada um complementa e interfere no outro de acordo com o campo em que está inserido. Segundo Cherques (2006) O (i) Capital econômico corresponde aos mecanismos de produção econômica, ou seja, bens e riquezas (dinheiro, posse, ações, trabalho). O (ii) Capital Cultural refere-se às qualificações intelectuais transmitidas pela família e escola, este se dá através de três formas principais: O estado incorporado (facilidade de se apresentar em público, por exemplo); Estado objetivo, que é a posse de bens culturais como obras de arte; Estado institucionalizado, que é dado através de instituições, como títulos acadêmicos. O (iii) Capital Social corresponde a rede

de relacionamentos e de contatos que implica a instauração e manutenção das relações de sociabilidade. Por fim o Capital Simbólico (iv) que fornece prestígio e honra através de um conjunto de rituais de reconhecimento social. Este capital depende dos demais capitais para que seja construído.

Com base na caracterização acima, Bourdieu salienta que é de acordo com o acúmulo desses capitais que o indivíduo detém das posições relativas da sociedade, não obstante, o reconhecimento desse capital depende da perspectiva do campo em que está situado. Acrescenta-se uma interpretação à esta análise, que em um posto político, a a chegada e atuação no poder não se resumo em competência técnica, são um conjunto de capitais.

No caso da gestão do futebol o capital mais evidente parece ser o político, e esse não é uma atuação técnica, formado por uma rede de relações. O capital político é uma forma de capital simbólico. “Ele baseia-se em porções de capital cultural (treinamento cognitivo para a ação política), capital social (redes de relações estabelecidas) e capital econômico (que dispõe do ócio necessário à prática política)” (Miguel, 2003: 121).

O desenvolvimento do capital político pode ocorrer através da *acumulação primitiva*, que segundo Joignant (2012) é adquirido no processo de formação do *habitus*³ em casa e na escola. Na forma primitiva geralmente está envolvido as questões de herança familiar econômica ou simbólica, como sobrenome com alto prestígio social, onde há uma transferência de capital entre pais e filhos. Marques; Gutierrez; Almeida (2013) alegaram que no subcampo do futebol profissional, existe uma regra própria, mas diríamos que não tão própria assim, de uma aceitação maior de questões como nepotismo e perpetuação familiar, do que em outros espaços políticos.

Diante deste cenário, não adianta as produções acadêmicas carregarem de críticas as gestores de clubes de futebol, colocando o caráter técnico, ou seja, uma formação profissional ou profissionalizar a gestão, como elemento central para a solução de problemas de gestão, pois está claro que este é um posto político e política não se faz

³ Bourdieu apropria-se e aplica um sentido diferente de sua origem neste conceito, após problematizar sua utilização inicial, recorre ao *habitus* para descrever os comportamentos dos indivíduos, de dimensão material, corporal, cultural e simbólica, de acordo com a estrutura, em dada condição social. Mais especificamente, são as formas de atitudes, pensamentos e posicionamentos individuais, formados por construções sociais, adquiridos pelas experiências sociais, ou seja, são mecanismos subjetivos construídos socialmente. Segundo Bourdieu (1983: 94), *habitus* é o sistema de disposições adquiridas pelas aprendizagens implícitas ou explícitas que “funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim”. De forma mais simplificada, o *habitus* refere-se aos costumes e aprendizagens incorporadas pelos indivíduos dentro de um campo, “modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada” (THIRY-CHERQUES, 2006: 33).

somente com expertise técnica, pois a formação para este cargo está relacionada diretamente ao *habitus* dos agentes.

Mas o *habitus* político não é somente técnico nem apenas uma questão “hereditária”, as aprendizagens adquiridas ao longo da vida, desde o início da vida e depois através de trajetória acadêmica ou experiências pessoais e profissionais da vida adulta, são formas de adentrar ao campo político e permanecer neste espaço, chamado de *acumulação estratégica* (Joignant, 2012).

Quando os recursos de transição dos demais capitais convertem na entrada ao campo político, há uma tendência, não garantida, de um efeito em espiral no campo, onde através das experiências, conhecimento e prestígio se convergem em uma dinâmica cumulativa de capital político (Joignant, 2012), que pode gerar uma carreira política dentro ou fora do clube.

Diante desta definição é necessário ir além de críticas como fazem alguns autores como (Reis et al, 2014; Carvalho; Costa; Guabiroba, 2016; Santos; Dani; Hein, 2016). Para que aconteça um avanço na gestão é necessário propor novas alternativas como incentivo das instituições como a CBF, com formação e aperfeiçoamento para gestores assim como salienta Reis; Hallal; Kaczynski (2014), como fornecimento de Workshop para gestores, com o auxílio da legislação esportiva que pode exigir a formação continuada dos gestores, aí sim buscando o aprimoramento técnico.

Considerações finais

O presente estudo buscou analisar, através da Teoria das Elites, o campo da gestão dos clubes de futebol brasileiros, com ênfase nos presidentes, buscando compreender as dinâmicas que os levam e mantém estes agentes nos cargos de dirigentes.

A partir do que fora proposto, a análise histórica do campo futebolístico no Brasil reflete diretamente no perfil que se construiu ao longo da história do futebol nacional, percebeu-se também que as lógicas que levam os agentes à exercer os postos no gerenciamento das equipes é explicada pela dinâmica política que o subcampo da gestão apresenta.

Por ser um posto político, se apresenta, de forma geral, como os demais cargos políticos interpretados pelo referencial teórico das Elites, daí a possibilidade aplicação da abordagem relacional estabelecida a partir de Bourdieu.

Considerando seus conceitos e pressupostos teóricos, identificou-se, auxiliado pela literatura da gestão do futebol, que a construção do posto de dirigente é uma ação política, que devido a relevância do campo futebolístico frente a sociedade, a administração deste esporte, faz com que os capitais dos envolvidos se eleve cada vez mais ao investir na política através do clube. Não obstante, para adentrar neste campo necessita de uma acumulação de capital primitiva e/ou estratégica, como apresentado por Joignant (2012) e a necessidade de reconhecer os objetos de disputas específicos do campo.

Ao adentrar ao posto, busca-se a manutenção do poder, como em qualquer campo, como descrito por Bourdieu. A disputa é política como exposto por Mattar (2014), onde os motivos são inúmeros, muitas vezes ligados a características passionais. O que se deve deixar claro, é que o caráter financeiro, teoricamente, não é o motivo pelo qual o jogo acontece, visto que devido à classificação jurídica dos clubes, neste caso a de clube-social, não existe remuneração aos presidentes. Bourdieu Explica que muitas vezes o objeto de disputa não é financeiro. É claro, existem escândalos de corrupção envolvendo dirigentes de clubes, mas segundo seus estatutos, não deveria haver recompensa financeira para estes agentes.

Devido não haver remuneração, critérios de seleção acabam sendo estruturados sem precisar expô-los. Profissionais liberais tendem a dominar este campo devido a possibilidade de arrecadar capital e trabalhar na gestão do clube paralelamente. Portanto não há como exigir uma profissionalização abrupta, o que pode ser feito é investir na formação continuada dos agentes, através de ações institucionais.

A partir destes apontamentos é possível compreender que o sistema construído é hegemônico frente ao posto dirigente do futebol. Além disso, sua força não se resume ao campo esportivo, ela transcende, podendo ser usado para a transição para outros campos da sociedade. Sobre a expressão do capital político é importante atentar-se para o campo de aplicação e da natureza cultural da sociedade em que ele se expressa (Joignant, 2012). Como no Brasil o futebol é um fenômeno fortemente valorizado socialmente, os agentes que o dirigem conseguem, nem todos, a transição dos capitais aplicados no esporte para a política pública e vice-versa, explicando um dos motivos pelos quais existem casos de gestores esportivos que se envolvem na carreira pública.

O uso da teoria das elites foi fundamental para interpretar muitas das manifestações apresentadas pela bibliografia que trabalha especificamente a temática, bem como reinterpretar os pressupostos teóricos de Bourdieu através da leitura do subcampo da

gestão do futebol, gerando novas possibilidades de aplicação da teoria e tensionamentos sobre a qualidade do gerenciamento esportivo no Brasil, principalmente em um contexto onde este setor recebe inúmeras críticas.

Acrescenta-se a possibilidade de estudos futuros que aprofundem análises empíricas no futebol nacional e novas reinterpretações da Teoria das Elites em estudos da área, visto que ainda o Brasil é escasso em pesquisas desse tema. Por fim, se busca uma transformação no campo da gestão, inicialmente é necessário aprimorar aqueles que já atuam, pois está claro, historicamente, que a mudança não irá acontecer somente através de críticas ou modelos de gestão apresentados pelos estudos científicos, para isso é necessário atitudes institucionais para que a transformação ocorra gradativamente ao longo do tempo.

Referências

- ALVES, A. C. (2011) Biografia, genealogia e teoria das elites. Mapeando características do poder local. **Revista Eletrônica de Ciência Política**. Curitiba, vol.2, n.1, p.45-61.
- BAZANINI, R.; FERREIRA, A. A.; BAZANINI, H. L. (2014). **Entrepreneurship in the Society of Spectacle** : v. 14, n. 3.
- BOURDIEU, P. (2011). **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. 11. ed. São Paulo: Papirus, 224 p.
- BOURDIEU, P. (2007) **Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk.
- BOURDIEU, P. (2004). **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense.
- BOURDIEU, P. (1989) **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A. 311 p.
- BOURDIEU, P. (1983). Algumas propriedades dos campos. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro.
- BURHAM, J. et al. (2008) **DOSSIÊ “ELITES POLÍTICAS”**. n. 1982, p. 7–15.
- CAMINHA, D. O. (2017). Sociologia Histórica de Elites Dirigentes: uma propositura epistêmico-analítico-metodológica aos estudos organizacionais no brasil. **VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração**, Florianópolis.
- CARVALHO, M. S., CASTRO, P. C., GUABIROBA, R. C. (2016). Eficiência e eficácia de clubes de futebol – uma análise comparativa. **Revista Produção e Desenvolvimento**, 2(2), p. 101-114

DAMATTA, R. et al. (1982). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.** Pinakothek, Rio de Janeiro.

GRYNSZPAN, M.; GRILL, I. G. (2011). Elites: recursos e legitimação. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 8, n. 15, p. 9–14.

HIGLEY, J. (2010). Elite Theory and Elites. In: Leicht, K, Jenkins, C (eds) **Handbook of Politics**, New York: Springer, pp. 161–176.

JOIGNANT, A. (2012). Habitus, campo y capital. Elementos para una teoría general del capital político. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 74, n. 4, p. 587–618.

KELLY, S. (2008). Understanding the Role of the Football Manager in Britain and Ireland: A Weberian Approach. **European Sport Management Quarterly**, v. 8, n. 4, p. 399–419.

KITCHIN, P. J.; DAVID HOWE, P. (2013) How can the social theory of Pierre Bourdieu assist sport management research? **Sport Management Review**, v. 16, n. 2, p. 123–134.

MARQUES, D. S. P.; COSTA, A. L. (2016) Administração de clubes de futebol profissional: proposta de um modelo específico de governança para o setor. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 378–405.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, D. M.; ALMEIDA, M. A. B. (2013) O sub-campo do futebol: presidentes de clubes em Foco. **Conexões**, v. 11, n. 1, p. 188–203.

MATTAR, M. F. (2014). **O que falta para o futebol brasileiro ter uma gestão profissional.** 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier.

MIGUEL, L. F. (2014) Oligarquia, democracia e representação no pensamento de Michels. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 13, p. 137–154.

PRONI, M. W. (1998). **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa.** 1998, 262 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

MIGUEL, L. F. (2003). Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o Congresso brasileiro. **Revista de Sociologia e Política**, n. 20, p. 115–134.

MIGUEL, L. F. (2014). Oligarquia, democracia e representação no pensamento de Michels. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 13, p. 137–154.

MÓSCA, H.; SILVA, J.; BASTOS, S. (2010). Fatores Institucionais E Organizacionais Que Afetam a Gestão Profissional De Departamentos De Futebol Dos Clubes: O Caso Dos Clubes De Futebol No Brasil. **Gestão & Planejamento - G&P**, v. 10, n. 1.

OLIVEIRA, M. C. DE et al. (2018). Características da estrutura organizacional dos clubes de futebol brasileiros: o que dizem os estatutos? **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 11, n. 31, p. 47.

PRONI, M. W. (1998). **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. 1998, 262 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

Morrow, S.; Howieson, B. (2014). The new business of football: A study of current and aspirant football club managers. **Journal of Sport Management**, 28(5), 515-528.

REIS, R. M. et al. (2014). The football business in Brazil: Connections between the economy, market and media. **Motriz: Revista de Educação Física**, [s.l.], v. 20, n. 2, p.120-130, jun. FapUNIFESP (SciELO).

REIS, R. M. et al.(2013). Primeiros passos organizacionais no futebol brasileiro (1894-1933): Uma análise no campo da gestão esportiva. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 5, n. 9, p. 281–298.

SANTOS, A.; SANTOS, I. (2016). Futebol e Economia Política da Comunicação: revisão de literatura e propostas de pesquisa. **Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación**, p. 378–395.

SANTOS, C. A. DOS; DANI, A. C.; HEIN, N. (2016). Estudo da Relação entre os Rankings Formados pela Confederação Brasileira de Futebol e Indicadores Econômico-Financeiros dos Clubes de Futebol Brasileiros. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 5, n. 3, p. 41–59.

SEIDL, E. (2013). Estudar os Poderosos: A Sociologia do Poder e das Elites. **As Ciências Sociais e os Espaços da Política no Brasil**, p. 179–226.

SKILLE, E. (2014). Sport in the welfare state—Still a male preserve: A theoretical analysis of Norwegian football management. **European Journal for Sport and Society**, v. 11, n. 4, p. 389–402.

SOUZA, J. DE; ALMEIDA, B. S. DE; MARCHI JÚNIOR, W. (2014). Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 2, p. 221–232.

THIRY-CHERQUES, H. R. (2006). Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, n.40, p. 7-55, jan./fev. Rio de Janeiro.